



Quase Ninguém Lê... e Muito Menos nas Entrelinhas!

[Inspirado nas Conversas com Políticos e Advogados]

Dedicado ao amigo e esforçado advogado Dr. A.R.T.



«Temo o Dia em que a Tecnologia se Sobreponha à nossa Humanidade.

O Mundo terá então, uma Geração de idiotas» (Frase atribuída a Albert Einstein)

‘I fear the day when the technology overlaps with our humanity. The world will only have a generation of idiots.’ (Einstein).

[Epígrafe e fotos reencaminhadas pela Dra. Edith M. Correa, que agradeço]

Apesar do avanço tecnológico da humanidade nos últimos cem anos, esse mesmo progresso desenvolveu uma ‘preguiça mental’ tipo pandemia. É como se, somente o alimento mental previamente mastigado fosse consumível.

O tema vem a propósito de conversas relacionadas com novas tecnologias. Um amigo meu advogado afirmaria que no tempo de Albert Einstein (n.1879-f.1955) não havia novas tecnologias tipo celulares, para ele (Einstein) numa prospetiva do futuro fazer citações sobre ‘o receio da tecnologia sobrepor-se à humanidade.’ Citação que veio a baila pelo meu comentário ao seu *stress* profissional em que o telefone celular ou telemóvel, impossibilitava (o advogado) de ter uma conversa normal com alguém, sem ser interrompido.

Ainda que solidário com o seu esforço profissional, o meu amigo advogado esquecera-se de que já em 1940 nos EUA, teriam sido lançadas as bases do primeiro celular/telemóvel

da história, para uso militar. O conceito moderno do telefone celular é de 1940 e tem mais de setenta anos (70). Einstein estava vivo com 61 anos. Faleceu em 1955 com 76 anos.

Pouca gente também saberá (presumo) que quem ‘inventou’ o primeiro telefone celular foi uma mulher (judia) austríaca, Hedwing Kiesler (1913-2000), vulgo Hedy Lamaar, artista de Hollywood famosa pelo papel de Dalila com Victor Mature (Sansão). Em 1956, a Ericsson construiria nos EUA um celular/telemóvel mais aperfeiçoado. Albert Einstein ainda estava vivo quando a Ericsson começou as pesquisas desse celular/telemóvel antes de 1956.

Os atuais celulares/telemóveis são desenvolvimentos dos telefones militares via rádio da primeira grande guerra (1914-1918) e dos *walk talkies* desenvolvidos na segunda guerra mundial (1939-1945). Aliás todo o material eletrónico e *motorolas* (1928) *handle talkies* (1943) que utilizamos hoje em dia, muitas das vezes tiveram origem militar ou para

fins de espionagem antes de serem liberados para o consumo.

O físico **A**lbert Einstein, teorizador da relatividade (1905-1915), quanto a nós tinha razão em estar preocupado, pois na década de 1950 as novas tecnologias já eram uma realidade a ter em conta num futuro imediato - passíveis de fomentarem dependência psicológica devido ao comodismo humano.

Se calhar muitos de nossos advogados, políticos e executivos, não se dão ao trabalho de ler e pensar nas entrelinhas dos contextos com *feedback* ao conhecimento mais alargado, por comodismo. Os monótonos articulados da jurisprudência os terão automatizado? Não cremos. Talvez simples cansaço intelectual. Se calhar é-lhes cansativo 'ler' por exigir um esforço adicional rebuscando na memória a cultura-geral que em princípio deviam ter apreendido na vida e nas faculdades de direito ou de outras ciências afins.

A velocidade de informação fútil e inútil não deixará espaço para pensar, repensar por si mesmo. Cansará o cérebro. Pode ser. O imediatismo da comunicação social absorve e dilui toda a esfera do conhecimento sério. Pode ser. A informação manipulada e mastigada por

outros quiçá seja mais fácil de digerir. Todavia chamamos à atenção na interpretação de 'grosso modo' - quer dizer, não haver regra sem exceção. O autor desta crónica é ainda do tempo em que ser advogado era sinónimo de dom da palavra e de trato fino em relações públicas e sociais, fruto de uma cultura-geral vastíssima. Ser jurista era ser intelectual de craveira. Por isso, muitos entravam para a política, jornalismo e associativismo em prol de causas.

Mas atenção: o fluxo de informação 'mastigada de bandeja' pode eventualmente provocar congestão e conduzir a um "alzheimer cultural" (apagão intelectual precoce) fruto de 'preguicite aguda' do ato de repensar as situações apoiando-se em ferramentas epistemológicas aprendidas nas faculdades universitárias - métodos e critérios válidos dos conhecimentos a avaliar e a transmitir. Lá dizia o veterano industrial italiano, Enzo Ferrari (1898-1988) na década de 1950, de que as 'universidades serviam para ajudar os estudantes a pensar os problemas e não de saídas profissionais para um bom emprego. Para isso estavam as empresas e os industriais, após saída das universidades, ministrando formação técnico-profissional.' **JK**

